Tradições locais e recepção bíblica na Literatura Portuguesa de viagens do século XVI

Autor(es): Marques, Pedro
Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34984>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_23_5
Accessed : 26-Apr-2023 01:45:44

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23

𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿𐁀𐁁𐁂𐁃𐁄𐁅𐁆𐁇𐁈𐁉𐁊𐁋𐁌𐁍𐁎𐁏𐁐𐁑𐁒𐁓𐁔𐁕𐁖𐁗𐁘𐁙𐁚𐁛𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠𐁡𐁢𐁣𐁤𐁥𐁦𐁧𐁨𐁩𐁪𐁫𐁬𐁭𐁮𐁯𐁰𐁱𐁲𐁳𐁴𐁵𐁶𐁷𐁸𐁹𐁺𐁻𐁼𐁽𐁾𐁿𐂀𐂁𐂂𐂃𐂄𐂅𐂆𐂇𐂈𐂉𐂊𐂋𐂌𐂍𐂎𐂏𐂐𐂑𐂒𐂓𐂔𐂕𐂖𐂗𐂘𐂙𐂚𐂛𐂜𐂝𐂞𐂟𐂠𐂡𐂢𐂣𐂤𐂥𐂦𐂧𐂨𐂩𐂪𐂫𐂬𐂭𐂮𐂯𐂰𐂱𐂲𐂳𐂴𐂵𐂶𐂷𐂸𐂹𐂺𐂻𐂼𐂽𐂾𐂿𐃀𐃁𐃂𐃃𐃄𐃅𐃆𐃇𐃈𐃉𐃊𐃋𐃌𐃍𐃎𐃏𐃐𐃑𐃒𐃓𐃔𐃕𐃖𐃗𐃘𐃙𐃚𐃛𐃜𐃝𐃞𐃟𐃠𐃡𐃢𐃣𐃤𐃥𐃦𐃧𐃨𐃩𐃪𐃫𐃬𐃭𐃮𐃯𐃰𐃱𐃲𐃳𐃴𐃵𐃶𐃷𐃸𐃹𐃺𐃻𐃼𐃽𐃾𐃿𐄀𐄁𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕𐄖𐄗𐄘𐄙𐄚𐄛𐄜𐄝𐄞𐄟𐄠𐄡𐄢𐄣𐄤𐄥𐄦𐄧𐄨𐄩𐄪𐄫𐄬𐄭𐄮𐄯𐄰𐄱𐄲𐄳𐄴𐄵𐄶𐄷𐄸𐄹𐄺𐄻𐄼𐄽𐄾𐄿𐅀𐅁𐅂𐅃𐅄𐅅𐅆𐅇𐅈𐅉𐅊𐅋𐅌𐅍𐅎𐅏𐅐𐅑𐅒𐅓𐅔𐅕𐅖𐅗𐅘𐅙𐅚𐅛𐅜𐅝𐅞𐅟𐅠𐅡𐅢𐅣𐅤𐅥𐅦𐅧𐅨𐅩𐅪𐅫𐅬𐅭𐅮𐅯𐅰𐅱𐅲𐅳𐅴𐅵𐅶𐅷𐅸𐅹𐅺𐅻𐅼𐅽𐅾𐅿𐆀𐆁𐆂𐆃𐆄𐆅𐆆𐆇𐆈𐆉𐆊𐆋𐆌𐆍𐆎𐆏𐆐𐆑𐆒𐆓𐆔𐆕𐆖𐆗𐆘𐆙𐆚𐆛𐆜𐆝𐆞𐆟𐆠𐆡𐆢𐆣𐆤𐆥𐆦𐆧𐆨𐆩𐆪𐆫𐆬𐆭𐆮𐆯𐆰𐆱𐆲𐆳𐆴𐆵𐆶𐆷𐆸𐆹𐆺𐆻𐆼𐆽𐆾𐆿𐇀𐇁𐇂𐇃𐇄𐇅𐇆𐇇𐇈𐇉𐇊𐇋𐇌𐇍𐇎𐇏𐇐𐇑𐇒𐇓𐇔𐇕𐇖𐇗𐇘𐇙𐇚𐇛𐇜𐇝𐇞𐇟𐇠𐇡𐇢𐇣𐇤𐇥𐇦𐇧𐇨𐇩𐇪𐇫𐇬𐇭𐇮𐇯𐇰𐇱𐇲𐇳𐇴𐇵𐇶𐇷𐇸𐇹𐇺𐇻𐇼𐇽𐇾𐇿𐈀𐈁𐈂𐈃𐈄𐈅𐈆𐈇𐈈𐈉𐈊𐈋𐈌𐈍𐈎𐈏𐈐𐈑𐈒𐈓𐈔𐈕𐈖𐈗𐈘𐈙𐈚𐈛𐈜𐈝𐈞𐈟𐈠𐈡𐈢𐈣𐈤𐈥𐈦𐈧𐈨𐈩𐈪𐈫𐈬𐈭𐈮𐈯𐈰𐈱𐈲𐈳𐈴𐈵𐈶𐈷𐈸𐈹𐈺𐈻𐈼𐈽𐈾𐈿𐉀𐉁𐉂𐉃𐉄𐉅𐉆𐉇𐉈𐉉𐉊𐉋𐉌𐉍𐉎𐉏𐉐𐉑𐉒𐉓𐉔𐉕𐉖𐉗𐉘𐉙𐉚𐉛𐉜𐉝𐉞𐉟𐉠𐉡𐉢𐉣𐉤𐉥𐉦𐉧𐉨𐉩𐉪𐉫𐉬𐉭𐉮𐉯𐉰𐉱𐉲𐉳𐉴𐉵𐉶𐉷𐉸𐉹𐉺𐉻𐉼𐉽𐉾𐉿𐊀𐊁𐊂𐊃𐊄𐊅𐊆𐊇𐊈𐊉𐊊𐊋𐊌𐊍𐊎𐊏𐊐𐊑𐊒𐊓𐊔𐊕𐊖𐊗𐊘𐊙𐊚𐊛𐊜𐊝𐊞𐊟𐊠𐊡𐊢𐊣𐊤𐊥𐊦𐊧𐊨𐊩𐊪𐊫𐊬𐊭𐊮𐊯𐊰𐊱𐊲𐊳𐊴𐊵𐊶𐊷𐊸𐊹𐊺𐊻𐊼𐊽𐊾𐊿𐋀𐋁𐋂𐋃𐋄𐋅𐋆𐋇𐋈𐋉𐋊𐋋𐋌𐋍𐋎𐋏𐋐𐋑𐋒𐋓𐋔𐋕𐋖𐋗𐋘𐋙𐋚𐋛𐋜𐋝𐋞𐋟𐋠𐋡𐋢𐋣𐋤𐋥𐋦𐋧𐋨𐋩𐋪𐋫𐋬𐋭𐋮𐋯𐋰𐋱𐋲𐋳𐋴𐋵𐋶𐋷𐋸𐋹𐋺𐋻𐋼𐋽𐋾𐋿𐌀𐌁𐌂𐌃𐌄𐌅𐌆𐌇𐌈𐌉𐌊𐌋𐌌𐌍𐌎𐌏𐌐𐌑𐌒𐌓𐌔𐌕𐌖𐌗𐌘𐌙𐌚𐌛𐌜𐌝𐌞𐌟𐌠𐌡𐌢𐌣𐌤𐌥𐌦𐌧𐌨𐌩𐌪𐌫𐌬𐌭𐌮𐌯𐌰𐌱𐌲𐌳𐌴𐌵𐌶𐌷𐌸𐌹𐌺𐌻𐌼𐌽𐌾𐌿𐍀𐍁𐍂𐍃𐍄𐍅𐍆𐍇𐍈𐍉𐍊𐍋𐍌𐍍𐍎𐍏𐍐𐍑𐍒𐍓𐍔𐍕𐍖𐍗𐍘𐍙𐍚𐍛𐍜𐍝𐍞𐍟𐍠𐍡𐍢𐍣𐍤𐍥𐍦𐍧𐍨𐍩𐍪𐍫𐍬𐍭𐍮𐍯𐍰𐍱𐍲𐍳𐍴𐍵𐍶𐍷𐍸𐍹𐍺𐍻𐍼𐍽𐍾𐍿𐎀𐎁𐎂𐎃𐎄𐎅𐎆𐎇𐎈𐎉𐎊𐎋𐎌𐎍𐎎𐎏𐎐𐎑𐎒𐎓𐎔𐎕𐎖𐎗𐎘𐎙𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣𐎤𐎥𐎦𐎧𐎨𐎩𐎪𐎫𐎬𐎭𐎮𐎯𐎰𐎱𐎲𐎳𐎴𐎵𐎶𐎷𐎸𐎹𐎺𐎻𐎼𐎽𐎾𐎿𐏀𐏁𐏂𐏃𐏄𐏅𐏆𐏇𐏈𐏉𐏊𐏋𐏌𐏍𐏎𐏏𐏐𐏑𐏒𐏓𐏔𐏕𐏖𐏗𐏘𐏙𐏚𐏛𐏜𐏝𐏞𐏟𐏠𐏡𐏢𐏣𐏤𐏥𐏦𐏧𐏨𐏩𐏪𐏫𐏬𐏭𐏮𐏯𐏰𐏱𐏲𐏳𐏴𐏵𐏶𐏷𐏸𐏹𐏺𐏻𐏼𐏽𐏾𐏿𐐀𐐁𐐂𐐃𐐄𐐅𐐆𐐇𐐈𐐉𐐊𐐋𐐌𐐍𐐎𐐏𐐐𐐑𐐒𐐓𐐔𐐕𐐖𐐗𐐘𐐙𐐚𐐛𐐜𐐝𐐞𐐟𐐠𐐡𐐢𐐣𐐤𐐥𐐦𐐧𐐨𐐩𐐪𐐫𐐬𐐭𐐮𐐯𐐰𐐱𐐲𐐳𐐴𐐵𐐶𐐷𐐸𐐹𐐺𐐻𐐼𐐽𐐾𐐿𐑀𐑁𐑂𐑃𐑄𐑅𐑆𐑇𐑈𐑉𐑊𐑋𐑌𐑍𐑎𐑏𐑐𐑑𐑒𐑓𐑔𐑕𐑖𐑗𐑘𐑙𐑚𐑛𐑜𐑝𐑞𐑟𐑠𐑡𐑢𐑣𐑤𐑥𐑦𐑧𐑨𐑩𐑪𐑫𐑬𐑭𐑮𐑯𐑰𐑱𐑲𐑳𐑴𐑵𐑶𐑷𐑸𐑹𐑺𐑻𐑼𐑽𐑾𐑿𐒀𐒁𐒂𐒃𐒄𐒅𐒆𐒇𐒈𐒉𐒊𐒋𐒌𐒍𐒎𐒏𐒐𐒑𐒒𐒓𐒔𐒕𐒖𐒗𐒘𐒙𐒚𐒛𐒜𐒝𐒞𐒟𐒠𐒡𐒢𐒣𐒤𐒥𐒦𐒧𐒨𐒩𐒪𐒫𐒬𐒭𐒮𐒯𐒰𐒱𐒲𐒳𐒴𐒵𐒶𐒷𐒸𐒹𐒺𐒻𐒼𐒽𐒾𐒿𐓀𐓁𐓂𐓃𐓄𐓅𐓆𐓇𐓈𐓉𐓊𐓋𐓌𐓍𐓎𐓏𐓐𐓑𐓒𐓓𐓔𐓕𐓖𐓗𐓘𐓙𐓚𐓛𐓜𐓝𐓞𐓟𐓠𐓡𐓢𐓣𐓤𐓥𐓦𐓧𐓨𐓩𐓪𐓫𐓬𐓭𐓮𐓯𐓰𐓱𐓲𐓳𐓴𐓵𐓶𐓷𐓸𐓹𐓺𐓻𐓼𐓽𐓾𐓿𐔀𐔁𐔂𐔃𐔄𐔅𐔆𐔇𐔈𐔉𐔊𐔋𐔌𐔍𐔎𐔏𐔐𐔑𐔒𐔓𐔔𐔕𐔖𐔗𐔘𐔙𐔚𐔛𐔜𐔝𐔞𐔟𐔠𐔡𐔢𐔣𐔤𐔥𐔦𐔧𐔨𐔩𐔪𐔫𐔬𐔭𐔮𐔯𐔰𐔱𐔲𐔳𐔴𐔵𐔶𐔷𐔸𐔹𐔺𐔻𐔼𐔽𐔾𐔿𐕀𐕁𐕂𐕃𐕄𐕅𐕆𐕇𐕈𐕉𐕊𐕋𐕌𐕍𐕎𐕏𐕐𐕑𐕒𐕓𐕔𐕕𐕖𐕗𐕘𐕙𐕚𐕛𐕜𐕝𐕞𐕟𐕠𐕡𐕢𐕣𐕤𐕥𐕦𐕧𐕨𐕩𐕪𐕫𐕬𐕭𐕮𐕯𐕰𐕱𐕲𐕳𐕴𐕵𐕶𐕷𐕸𐕹𐕺𐕻𐕼𐕽𐕾𐕿𐖀𐖁𐖂𐖃𐖄𐖅𐖆𐖇𐖈𐖉𐖊𐖋𐖌𐖍𐖎𐖏𐖐𐖑𐖒𐖓𐖔𐖕𐖖𐖗𐖘𐖙𐖚𐖛𐖜𐖝𐖞𐖟𐖠𐖡𐖢𐖣𐖤𐖥𐖦𐖧𐖨𐖩𐖪𐖫𐖬𐖭𐖮𐖯𐖰𐖱𐖲𐖳𐖴𐖵𐖶𐖷𐖸𐖹𐖺𐖻𐖼𐖽𐖾𐖿𐗀𐗁𐗂𐗃𐗄𐗅𐗆𐗇𐗈𐗉𐗊𐗋𐗌𐗍𐗎𐗏𐗐𐗑𐗒𐗓𐗔𐗕𐗖𐗗𐗘𐗙𐗚𐗛𐗜𐗝𐗞𐗟𐗠𐗡𐗢𐗣𐗤𐗥𐗦𐗧𐗨𐗩𐗪𐗫𐗬𐗭𐗮𐗯𐗰𐗱𐗲𐗳𐗴𐗵𐗶𐗷𐗸𐗹𐗺𐗻𐗼𐗽𐗾𐗿𐘀𐘁𐘂𐘃𐘄𐘅𐘆𐘇𐘈𐘉𐘊𐘋𐘌𐘍𐘎𐘏𐘐𐘑𐘒𐘓𐘔𐘕𐘖𐘗𐘘𐘙𐘚𐘛𐘜𐘝𐘞𐘟𐘠𐘡𐘢𐘣𐘤𐘥𐘦𐘧𐘨𐘩𐘪𐘫𐘬𐘭𐘮𐘯𐘰𐘱𐘲𐘳𐘴𐘵𐘶𐘷𐘸𐘹𐘺𐘻𐘼𐘽𐘾𐘿𐙀𐙁𐙂𐙃𐙄𐙅𐙆𐙇𐙈𐙉𐙊𐙋𐙌𐙍𐙎𐙏𐙐𐙑𐙒𐙓𐙔𐙕𐙖𐙗𐙘𐙙𐙚𐙛𐙜𐙝𐙞𐙟𐙠𐙡𐙢𐙣𐙤𐙥𐙦𐙧𐙨𐙩𐙪𐙫𐙬𐙭𐙮𐙯𐙰𐙱𐙲𐙳𐙴𐙵𐙶𐙷𐙸𐙹𐙺𐙻𐙼𐙽𐙾𐙿𐚀𐚁𐚂𐚃𐚄𐚅𐚆𐚇𐚈𐚉𐚊𐚋𐚌𐚍𐚎𐚏𐚐𐚑𐚒𐚓𐚔𐚕𐚖𐚗𐚘𐚙𐚚𐚛𐚜𐚝𐚞𐚟𐚠𐚡𐚢𐚣𐚤𐚥𐚦𐚧𐚨𐚩𐚪𐚫𐚬𐚭𐚮𐚯𐚰𐚱𐚲𐚳𐚴𐚵𐚶𐚷𐚸𐚹𐚺𐚻𐚼𐚽𐚾𐚿𐛀𐛁𐛂𐛃𐛄𐛅𐛆𐛇𐛈𐛉𐛊𐛋𐛌𐛍𐛎𐛏𐛐𐛑𐛒𐛓𐛔𐛕𐛖𐛗𐛘𐛙𐛚𐛛𐛜𐛝𐛞𐛟𐛠𐛡𐛢𐛣𐛤𐛥𐛦𐛧𐛨𐛩𐛪𐛫𐛬𐛭𐛮𐛯𐛰𐛱𐛲𐛳𐛴𐛵𐛶𐛷𐛸𐛹𐛺𐛻𐛼𐛽𐛾𐛿𐜀𐜁𐜂𐜃𐜄𐜅𐜆𐜇𐜈𐜉𐜊𐜋𐜌𐜍𐜎𐜏𐜐𐜑𐜒𐜓𐜔𐜕𐜖𐜗𐜘𐜙𐜚𐜛𐜜𐜝𐜞𐜟𐜠𐜡𐜢𐜣𐜤𐜥𐜦𐜧𐜨𐜩𐜪𐜫𐜬𐜭𐜮𐜯𐜰𐜱𐜲𐜳𐜴𐜵𐜶𐜷𐜸𐜹𐜺𐜻𐜼𐜽𐜾𐜿𐝀𐝁𐝂𐝃𐝄𐝅𐝆𐝇𐝈𐝉𐝊𐝋𐝌𐝍𐝎𐝏𐝐𐝑𐝒𐝓𐝔𐝕𐝖𐝗𐝘𐝙𐝚𐝛𐝜𐝝𐝞𐝟𐝠𐝡𐝢𐝣𐝤𐝥𐝦𐝧𐝨𐝩𐝪𐝫𐝬𐝭𐝮𐝯𐝰𐝱𐝲𐝳𐝴𐝵𐝶𐝷𐝸𐝹𐝺𐝻𐝼𐝽𐝾𐝿𐞀𐞁𐞂𐞃𐞄𐞅𐞆𐞇𐞈𐞉𐞊𐞋𐞌𐞍𐞎𐞏𐞐𐞑𐞒𐞓𐞔𐞕𐞖𐞗𐞘𐞙𐞚𐞛𐞜𐞝𐞞𐞟𐞠𐞡𐞢𐞣𐞤𐞥𐞦𐞧𐞨𐞩𐞪𐞫𐞬𐞭𐞮𐞯𐞰𐞱𐞲𐞳𐞴𐞵𐞶𐞷𐞸𐞹𐞺𐞻𐞼𐞽𐞾𐞿𐟀𐟁𐟂𐟃𐟄𐟅𐟆𐟇𐟈𐟉𐟊𐟋𐟌𐟍𐟎𐟏𐟐𐟑𐟒𐟓𐟔𐟕𐟖𐟗𐟘𐟙𐟚𐟛𐟜𐟝𐟞𐟟𐟠𐟡𐟢𐟣𐟤𐟥𐟦𐟧𐟨𐟩𐟪𐟫𐟬𐟭𐟮𐟯𐟰𐟱𐟲𐟳𐟴𐟵𐟶𐟷𐟸𐟹𐟺𐟻𐟼𐟽𐟾𐟿𐠀𐠁𐠂𐠃𐠄𐠅𐠆𐠇𐠈𐠉𐠊𐠋𐠌𐠍𐠎𐠏𐠐𐠑𐠒𐠓𐠔𐠕𐠖𐠗𐠘𐠙𐠚𐠛𐠜𐠝𐠞𐠟𐠠𐠡𐠢𐠣𐠤𐠥𐠦𐠧𐠨𐠩𐠪𐠫𐠬𐠭𐠮𐠯𐠰𐠱𐠲𐠳𐠴𐠵𐠶𐠷𐠸𐠹𐠺𐠻𐠼𐠽𐠾𐠿𐡀𐡁𐡂𐡃𐡄𐡅𐡆𐡇𐡈𐡉𐡊𐡋𐡌𐡍𐡎𐡏𐡐𐡑𐡒𐡓𐡔𐡕𐡖𐡗𐡘𐡙𐡚𐡛𐡜𐡝𐡞𐡟𐡠𐡡𐡢𐡣𐡤𐡥𐡦𐡧𐡨𐡩𐡪𐡫𐡬𐡭𐡮𐡯𐡰𐡱𐡲𐡳𐡴𐡵𐡶𐡷𐡸𐡹𐡺𐡻𐡼𐡽𐡾𐡿𐢀𐢁𐢂𐢃𐢄𐢅𐢆𐢇𐢈𐢉𐢊𐢋𐢌𐢍𐢎𐢏𐢐𐢑𐢒𐢓𐢔𐢕𐢖𐢗𐢘𐢙𐢚𐢛𐢜𐢝𐢞𐢟𐢠𐢡𐢢𐢣𐢤𐢥𐢦𐢧𐢨𐢩𐢪𐢫𐢬𐢭𐢮𐢯𐢰𐢱𐢲𐢳𐢴𐢵𐢶𐢷𐢸𐢹𐢺𐢻𐢼𐢽𐢾𐢿𐣀𐣁𐣂𐣃𐣄𐣅𐣆𐣇𐣈𐣉𐣊𐣋𐣌𐣍𐣎𐣏𐣐𐣑𐣒𐣓𐣔𐣕𐣖𐣗𐣘𐣙𐣚𐣛𐣜𐣝𐣞𐣟𐣠𐣡𐣢𐣣𐣤𐣥𐣦𐣧𐣨𐣩𐣪𐣫𐣬𐣭𐣮𐣯𐣰𐣱𐣲𐣳𐣴𐣵𐣶𐣷𐣸𐣹𐣺𐣻𐣼𐣽𐣾𐣿𐤀𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈𐤉𐤊𐤋𐤌𐤍𐤎𐤏𐤐𐤑𐤒𐤓𐤔𐤕𐤖𐤗𐤘𐤙𐤚𐤛𐤜𐤝𐤞𐤟𐤠𐤡𐤢𐤣𐤤𐤥𐤦𐤧𐤨𐤩𐤪𐤫𐤬𐤭𐤮𐤯𐤰𐤱𐤲𐤳𐤴𐤵𐤶𐤷𐤸𐤹𐤺𐤻𐤼𐤽𐤾𐤿𐥀𐥁𐥂𐥃𐥄𐥅𐥆𐥇𐥈𐥉𐥊𐥋𐥌𐥍𐥎𐥏𐥐𐥑𐥒𐥓𐥔𐥕𐥖𐥗𐥘𐥙𐥚𐥛𐥜𐥝𐥞𐥟𐥠𐥡𐥢𐥣𐥤𐥥𐥦𐥧𐥨𐥩𐥪𐥫𐥬𐥭𐥮𐥯𐥰𐥱𐥲𐥳𐥴𐥵𐥶𐥷𐥸𐥹𐥺𐥻𐥼𐥽𐥾𐥿𐦀𐦁𐦂𐦃𐦄𐦅𐦆𐦇𐦈𐦉𐦊𐦋𐦌𐦍𐦎𐦏𐦐𐦑𐦒𐦓𐦔𐦕𐦖𐦗𐦘𐦙𐦚𐦛𐦜𐦝𐦞𐦟𐦠𐦡𐦢𐦣𐦤𐦥𐦦𐦧𐦨𐦩𐦪𐦫𐦬𐦭𐦮𐦯𐦰𐦱𐦲𐦳𐦴𐦵𐦶𐦷𐦸𐦹𐦺𐦻𐦼𐦽𐦾𐦿𐧀𐧁𐧂𐧃𐧄𐧅𐧆𐧇𐧈𐧉𐧊𐧋𐧌𐧍𐧎𐧏𐧐𐧑𐧒𐧓𐧔𐧕𐧖𐧗𐧘𐧙𐧚𐧛𐧜𐧝𐧞𐧟𐧠𐧡𐧢𐧣𐧤𐧥𐧦𐧧𐧨𐧩𐧪𐧫𐧬𐧭𐧮𐧯𐧰𐧱𐧲𐧳𐧴𐧵𐧶𐧷𐧸𐧹𐧺𐧻𐧼𐧽𐧾𐧿𐨀𐨁𐨂𐨃𐨄𐨅𐨆𐨇𐨈𐨉𐨊𐨋𐨌𐨍𐨎𐨏𐨐𐨑𐨒𐨓𐨔𐨕𐨖𐨗𐨘𐨙𐨚𐨛𐨜𐨝𐨞𐨟𐨠𐨡𐨢𐨣𐨤𐨥𐨦𐨧𐨨𐨩𐨪𐨫𐨬𐨭𐨮𐨯𐨰𐨱𐨲𐨳𐨴𐨵𐨶𐨷𐨹𐨺𐨸𐨻𐨼𐨽𐨾𐨿𐩀𐩁𐩂𐩃𐩄𐩅𐩆𐩇𐩈𐩉𐩊𐩋𐩌𐩍𐩎𐩏𐩐𐩑𐩒𐩓𐩔𐩕𐩖𐩗𐩘𐩙𐩚𐩛𐩜𐩝𐩞𐩟𐩠𐩡𐩢𐩣𐩤𐩥𐩦𐩧𐩨𐩩𐩪𐩫𐩬𐩭𐩮𐩯𐩰𐩱𐩲𐩳𐩴𐩵𐩶𐩷𐩸𐩹𐩺𐩻𐩼𐩽𐩾𐩿𐪀𐪁𐪂𐪃𐪄𐪅𐪆𐪇𐪈𐪉𐪊𐪋𐪌𐪍𐪎𐪏𐪐𐪑𐪒𐪓𐪔𐪕𐪖𐪗𐪘𐪙𐪚𐪛𐪜𐪝𐪞𐪟𐪠𐪡𐪢𐪣𐪤𐪥𐪦𐪧𐪨𐪩𐪪𐪫𐪬𐪭𐪮𐪯𐪰𐪱𐪲𐪳𐪴𐪵𐪶𐪷𐪸𐪹𐪺𐪻𐪼𐪽𐪾𐪿𐫀𐫁𐫂𐫃𐫄𐫅𐫆𐫇𐫈𐫉𐫊𐫋𐫌𐫍𐫎𐫏𐫐𐫑𐫒𐫓𐫔𐫕𐫖𐫗𐫘𐫙𐫚𐫛𐫜𐫝𐫞𐫟𐫠𐫡𐫢𐫣𐫤𐫦𐫥𐫧𐫨𐫩𐫪𐫫𐫬𐫭𐫮𐫯𐫰𐫱𐫲𐫳𐫴𐫵𐫶𐫷𐫸𐫹𐫺𐫻𐫼𐫽𐫾𐫿𐬀𐬁𐬂𐬃𐬄𐬅𐬆𐬇𐬈𐬉𐬊𐬋𐬌𐬍𐬎𐬏𐬐𐬑𐬒𐬓𐬔𐬕𐬖𐬗𐬘𐬙𐬚𐬛𐬜𐬝𐬞𐬟𐬠𐬡𐬢𐬣𐬤𐬥𐬦𐬧𐬨𐬩𐬪𐬫𐬬𐬭𐬮𐬯𐬰𐬱𐬲𐬳𐬴𐬵𐬶𐬷𐬸𐬹𐬺𐬻𐬼𐬽𐬾𐬿𐭀𐭁𐭂𐭃𐭄𐭅𐭆𐭇𐭈𐭉𐭊𐭋𐭌𐭍𐭎𐭏𐭐𐭑𐭒𐭓𐭔𐭕𐭖𐭗𐭘𐭙𐭚𐭛𐭜𐭝𐭞𐭟𐭠𐭡𐭢𐭣𐭤𐭥𐭦𐭧𐭨𐭩𐭪𐭫𐭬𐭭𐭮𐭯𐭰𐭱𐭲𐭳𐭴𐭵𐭶𐭷𐭸𐭹𐭺𐭻𐭼𐭽𐭾𐭿𐮀𐮁𐮂𐮃𐮄𐮅𐮆𐮇𐮈𐮉𐮊𐮋𐮌𐮍𐮎𐮏𐮐𐮑𐮒𐮓𐮔𐮕𐮖𐮗𐮘𐮙𐮚𐮛𐮜𐮝𐮞𐮟𐮠𐮡𐮢𐮣𐮤𐮥𐮦𐮧𐮨𐮩𐮪𐮫𐮬𐮭𐮮𐮯𐮰𐮱𐮲𐮳𐮴𐮵𐮶𐮷𐮸𐮹𐮺𐮻𐮼𐮽𐮾𐮿𐯀𐯁𐯂𐯃𐯄𐯅𐯆𐯇𐯈𐯉𐯊𐯋𐯌𐯍𐯎𐯏𐯐𐯑𐯒𐯓𐯔𐯕𐯖

TRADIÇÕES LOCAIS E RECEPÇÃO BÍBLICA NA LITERATURA PORTUGUESA DE VIAGENS DO SÉCULO XVI

PEDRO MARQUES

UNIARQ, FLUL / FCT
pmcmarques@hotmail.com

Resumo

Os viajantes portugueses do século XVI apresentam-nos nos seus relatos de viagens variadas referências ao livro do Génesis. Perante a grande quantidade e qualidade de autores, escolhemos as obras de Mestre Afonso e Frei Pantaleão de Aveiro. Os aspectos do livro do Génesis aos quais nos cingimos constituíram a Criação, Adão e Eva em Hebron, Caim e Abel. Mestre Afonso e Frei Pantaleão transmitem-nos maioritariamente tradições locais.

Palavras-chave: Génesis; literatura portuguesa de viagens; próximo Oriente

Abstract

The Portuguese travelers of the XVI century show us varied references to the book of Genesis in their travel descriptions. Given the large quantity and quality of authors, we chose the works of Mestre Afonso and Frei Pantaleão de Aveiro. The aspects of the book of Genesis that we analyzed are the Creation, Adam and Eve in Hebron, Cain and Abel. Mestre Afonso and Frei Pantaleão transmit mostly local traditions.

Keywords: Genesis; travel portuguese literature; Middle East

A literatura portuguesa de viagens é vasta e apresenta características díspares. Os itinerários do Próximo Oriente contam com vários e muito interessantes relatos⁽¹⁾. Neste artigo, cingimo-nos às alusões a alguns aspectos do livro do Génesis, nomeadamente à Criação, a Adão e Eva em Hebron e a Caim e Abel, em dois autores do século XVI: Mestre Afonso, que efectuou uma viagem terrestre da Índia a Portugal, e Frei Pantaleão de Aveiro, que realizou uma viagem à Terra Santa.

O tema da criação em Mestre Afonso é indirecto e resulta, em nossa opinião, de uma alegoria de Deus como criador do mundo. Frei Pantaleão revela-nos a existência de uma tradição local, que colocava na região de Hebron a origem do barro utilizado por Deus para modelar Adão. O primordial casal Adão e Eva em Hebron constitui outra tradição local transmitida por Frei Pantaleão. Do mesmo modo, o capítulo Caim e Abel resulta de tradições locais transmitidas por este frade e por Mestre Afonso.

1. A criação

O acto bíblico de criação foi referido em dois viajantes, Mestre Afonso⁽²⁾ e Frei Pantaleão de Aveiro⁽³⁾.

Mestre Afonso ao narrar a sua passagem pela região montanhosa da Arménia, descreveu o seguinte: «... e proseguimdo a subida do monte gastamos nisso huã gramde hora, por ser muy alto domde nom vy mais quamto podia alcamsar coa vista que imfinidade de montes e serras muy altas e imgremes para todas as partes, bramquejamdo co a gram cantidade de neve de que estavam cubertas, e çerto que a muita cantidade e altura das serras e montes que haa por esta armenia alta, he cousa imcriuel, e muy differemte de velo a lelo escrito, que parece que quis aqui nosso Senhor ajuntar todas as do mundo»⁽⁴⁾.

As montanhas da Arménia evidenciavam-se ao viajante português pela sua altura e quantidade. Ele afirmou, sem criticar, que Deus juntou naquele local muitas montanhas. Este facto revela que Mestre Afonso conhecia minimamente a *Bíblia* e estava imbuído da visão religiosa da criação do mundo, que era a concepção vigente na época em que viveu.

A criação da terra ocorre em Génesis 1, 9-13. Nesta passagem, afirma-se apenas que Deus, no terceiro dia, juntou as águas num local, colocando a terra à vista. Neste acto, verificamos o estabelecimento dos parâmetros básicos da existência humana no espaço. O homem possui

um lugar à sua disposição para viver. Não há criação propriamente dita, mas organização do existente⁽⁵⁾. No livro do Génesis não é referido que Deus designou os lugares das montanhas. No entanto, podemos considerar a existência de uma alegoria, em que tendo sido Deus o criador de tudo, teria sido ele a fazer nascer as montanhas nos sítios onde elas se encontravam. Deste modo, Mestre Afonso poderia estar a pensar nesta alegoria.

Frei Pantaleão de Aveiro refere o acto de criação do primeiro homem no capítulo LIX. O título deste capítulo é: «Da cidade hebrõ, & do capo Damasceno, onde dizem que foy criado nosso pay Adã, & da sepultura dos SS. Patriarchas»⁽⁶⁾. No texto do capítulo expõe: «Quasi hum tiro darco da sepultura dos sanctos patriarchas para o Ponente, nos mostram o Campo Damasceno no qual affirmão, que foy criado nosso padre Adam pello senhor Deos, a sua imagem & semelhaça do limo da terra, & a huma parte deste câpo está huma coua, da qual tiram terra, que dizem ser da mesma, de que foy criado Adam, affirmão aproueitar para muitas cousas: a qual he de cor encarnada a modo de barro, branda & apegadiça & tratase como cera.»⁽⁷⁾

Frei Pantaleão transmitiu uma notícia, baseada numa informação local, que colocava em Hebron, num local chamado Campo Damasceno, o lugar onde Deus encontrou o barro para modelar Adão e onde procedeu ao seu trabalho de oleiro. No Génesis não existe nenhuma referência a um sítio específico, indica-se apenas «barro da terra» (Gn 1, 26-27; 2, 7). Deste modo, consideramos a possibilidade da apropriação da história bíblica a um lugar específico provavelmente com o objectivo de enobrecer as características da terra.

Hebron era uma das cidades mais antigas da região. Segundo o livro dos Números (Nm 13, 22), Hebron tinha sido fundada sete anos antes da cidade egípcia de Tânis, no Delta Oriental, o que teria ocorrido por volta do ano de 1720 a. C. Esta informação é confirmada pela descoberta na gruta da sepultura dos três primeiros patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, de níveis arqueológicos de ocupação humana que remontam ao período do Bronze Médio II e cuja cronologia se situa entre 2000 e 1550 a. C.⁽⁸⁾ Presumivelmente, quem iniciou a história da terra do Campo Damasceno teria conhecimento que as origens de Hebron seriam anteriores a Abraão e por isso havia remetido essa antiguidade para a própria criação. Esta apropriação e consequente tradição local poderiam ainda relacionar-se com a boa qualidade da própria terra.

A presença de terra na criação do homem enfatiza a relação entre os dois. O homem foi criado da terra, o seu trabalho é cultivá-la e ao morrer irá regressar a ela (Gn 2,5-8 . 15; 3,19 . 23). Contudo, o homem não era apenas terra e Deus soprou-lhe a vida, concedendo-lhe um elemento divino (Gn 7). O uso do barro e de um elemento divino para criar o homem aparece em relatos mitológicos de outras civilizações pré-clássicas. Na *Epopéia de Gilgamesh*, a deusa Aruru criou Enkidu a partir do barro. No *Atramhasis*, os homens foram criados por barro e sangue dos deuses. No Génesis, o sangue dos deuses foi substituído pelo sopro da vida. O sopro da vida surge ainda em representações egípcias desde o Império Antigo. Nestas imagens os deuses parecem soprar para o nariz do rei, concedendo-lhes a vida (*ankh*)⁽⁹⁾.

A referência do viajante português ao facto de Deus ter criado o homem à sua imagem e semelhança consiste numa alusão directa a Gn 1,26-27, onde se pode ler «Deus disse ainda: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. [...] Deus criou então o ser humano à sua imagem; criou-o como verdadeira imagem de Deus. E este ser humano criado por Deus é o homem e a mulher.”» (Gn 1,26-27).

2. Adão e Eva em Hebron

O livro do Génesis refere que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso (Gn 3,23). Não existe nenhuma alusão a um lugar específico. Contudo, Frei Pantaleão de Aveiro descreveu algo diferente: «Dous grandes tiros darco para o Ponente, está huma lapa de trinta pés em comprido, & outros tantos de largo, na qual dizem, que estiueraõ muitos annos metidos nossos padres Adam, & Eua fazendo penitência de seus pecados: & estão ali dous leitos de pedra onde dormião, & junto a lapa está huma fonte, de que bebião. Como crer, ou duuidar isto não repugna a nossa sancta fé Catholica, escreuo o que vi, & a opinião que os daquella terra dos dittos lugares tem, cada hum crea, o que lhe parecer bem.»⁽¹⁰⁾.

Frei Pantaleão encontrava-se em Hebron e um dos sítios que visitou foi uma lapa, uma gruta, que uma tradição local atribuía a Adão e Eva. Segundo essa tradição, o primeiro casal, depois de ter cometido o pecado e de ter sido expulso do Paraíso, teria habitado aquela gruta, com o objectivo de se penitenciar do mal que tinha feito. A gruta teria algumas condições de habitabilidade, designadamente duas camas de pedra e uma

fonte de água. A atitude de Frei Pantaleão perante estas informações foi de neutralidade. O frade português não criticou, mas também não aceitou e concedeu liberdade de opinião aos seus leitores. Esta atitude justificou com a fonte que utilizou e que consistia na fé católica, baseada na *Bíblia*.

A lapa localizava-se perto da gruta onde, de acordo com a tradição, haviam sido sepultados os três primeiros patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, com as respectivas mulheres. Deste modo, podemos estar perante uma tentativa de apropriação do local de residência dos antepassados de todos os homens, do primeiro casal humano, com o objectivo de engrandecer a importância da cidade. Por outro lado, a referência ao primeiro casal naquele sítio poderá relacionar-se com o facto de Hebron ser uma das cidades mais antigas da região, como já antes referimos.

3. Caim e Abel

Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel (Gn 4,1-16). Na passagem bíblica ocorreu o assassinato de Abel pelo seu irmão Caim (Gn 4,8). Os nossos viajantes referiram este assassinato e localizaram-no geograficamente.

Frei Pantaleão de Aveiro afirmou: «no que diz homicida Damascus, se há de entender que chama a cidade de Damasco homicida, porque segundo o que se tem naquellas partes, muy junto della o desaventurado Caim, matou ao inocentissimo Abel seu irmão, como diz o glorioso doutor S. Hieronymo sobre Ezechiel, no qual lugar tem os Turcos & Mouros huma muy curiosa capela outauada, tê o tempo presente.»⁽¹¹⁾ Mais à frente acrescentou: «Perto do Campo Damasceno nos mostrarão hum lugar, no qual dizem, que Caim matou a seu irmão Abel: eu tenho isto por opinião do pouo, porque achando-me na cidade de Damasco, como a diante direy, me mostrarão hum lugar alto, huma legua da cidade, no qual ludeus e Mouros affirmão ser ali feito aquelle cruel fratricídio: & tem ali os Mouros huma mesquita»⁽¹²⁾. E noutro local disse ainda: «Estiuemos oito ou noue dias na cidade de Damasco [...], nos partimos hum dia pola menhã da cidade, & duas milhas della chegamos ao lugar, ôde os da terra affirmão, que Caim matou a seu irmão Abel, no qual os mouros tem huma misquita pequena, mas sobre maneira curiosa, outauada, & cõ muitos brincos, que mais parece hum rico farol, que misquita, olhado bem sua curiosidade»⁽¹³⁾. Mestre Afonso escreveu: «... de Damasco, situada em

xxxiiij graos e meo, seis jornadas de Jerusalem, em terra cham, para a parte do oriemte, primiciada e começada por *eleázar*, seruo de *abrahão*, no mesmo lugar homde caim matou ser irmão abel na terra sancta, por homde vão os peregrinos e romeiros que vão de *halepe* a *jerusalem*.»⁽¹⁴⁾.

A primeira referência de Frei Pantaleão consistiu na explicação do que o frade leu na epígrafe que marcava a sepultura do rei cristão franco Balduíno I (1058-1118). Balduíno foi um dos líderes da primeira cruzada, que ocorreu entre 1096 e 1099 e culminou com a conquista de Jerusalém neste último ano, e foi o segundo monarca do Reino Latino de Jerusalém, que subsistiu entre 1099 e 1291. Foi ainda conde de Edessa, um dos estados latinos do Oriente, com capital em Edessa, actual Urfa, entre 1098 e 1100. Na segunda referência, Frei Pantaleão encontrava-se em Hebron e referiu uma tradição local que colocava nos arredores desta cidade o fratricídio. O frade português revelou nesta passagem uma atitude crítica. Considerou a tradição como simples opinião do povo, portanto sem fundamento legítimo, porque existia outra tradição local que localizava em Damasco o homicídio. O viajante parece aceitar esta tradição, que tinha como transmissores judeus e muçulmanos. Estes últimos teriam inclusivamente construído no local do assassinato uma mesquita, que o português pôde observar quando esteve em Damasco, como se pode ler na terceira referência. As informações de Frei Pantaleão revelam-nos tradições locais, que pretendiam situar nas suas cidades, nos seus territórios acontecimentos importantes da história humana dos primórdios. A história de Caim e Abel surge na Tora judaica e no Alcorão muçulmano, pelo que era importante para estas duas religiões⁽¹⁵⁾. Mestre Afonso situou igualmente o assassinato em Damasco, referiu Abraão e apresentou informações úteis aos viajantes, referindo a distância e localização relativamente a Jerusalém e comunicando que era um local de passagem dos trajectos de peregrinação e de viagem que ligavam Alepo a Jerusalém.

Na *Bíblia* não é referida nenhuma localidade em específico. Trata-se de «o campo» (Gn 4,8), que é uma referência geograficamente abstracta. As fontes de Frei Pantaleão, e possivelmente de Mestre Afonso, eram tradições locais, que terão pretendido apropriar-se da história dos dois primeiros irmãos.

A história de Damasco remonta ao Neolítico. Foram identificados níveis arqueológicos em Tell Ramad, nos arredores de Damasco, que remontam ao ano 6000 a. C. Damasco é mencionada em textos egípcios

do século XIX a. C. Teria sido conquistada e submetida pelo faraó Tutmés III (1479-1425 a. C.). Segundo a *Bíblia*, Damasco teve quer relações amigáveis quer de conflito armado com o rei David (2Sm 8,5-6), que se situou cronologicamente por volta do ano 1000 a. C. Damasco foi ainda a capital de um reino aramaico da Síria, nos séculos VIII-VI a. C. Situada num oásis bem irrigado e fértil, às portas do deserto sírio, tinha uma importância estratégica relacionada com as rotas de caravanas. Entre estas, existia a *Via Maris* que ligava o Egipto, o Mediterrâneo e a Mesopotâmia e a *Via Real* que ligava o Norte da Síria com a Arábia e o mar Vermelho⁽¹⁶⁾. A importância estratégica de Damasco mantinha-se na época dos nossos viajantes e não passou despercebida a Mestre Afonso.

Na passagem de Mestre Afonso, foi mencionado Eliézer como fundador da cidade de Damasco. Frei Pantaleão apresentou uma ideia relativamente semelhante: «Segundo a opinião de muitos, a cidade de Damasco, foy principiada por hum homem chamado do mesmo nome, filho de Eliezer procurador e mordomo do patriarcha Abrahã como lemos no liuro do Genesis.»⁽¹⁷⁾ Neste passo, o frade transmitiu uma tradição que atribuía a um homem chamado Damasco, filho de Eliézer, a fundação da cidade. Consideramos que esta concepção poderia ter como origem uma interpretação de Génesis 15,2-3. Como se pode ler no texto bíblico, Eliézer era um criado de Abraão, oriundo de Damasco, que no caso de o patriarca morrer sem descendência seria o seu herdeiro. Frei Pantaleão indicou que Eliézer era procurador e mordomo, o que se deve certamente ao facto de ele poder tornar-se no herdeiro do patriarca. Na *Bíblia* apenas se afirmou que ele era de Damasco, mas não se indicou que teria sido ele o fundador ou o pai do fundador desta cidade (Gn 15,2). Supomos a existência de uma tradição local, com base na passagem bíblica, que teria pretendido relacionar uma figura importante na história do primeiro patriarca à fundação da cidade de Damasco. Se em Mestre Afonso, Eliézer seria o fundador, em Frei Pantaleão, Eliézer seria o pai do fundador, cujo antepónimo teria dado origem ao topónimo.

4. Palavras finais

As obras da literatura portuguesa de viagens que escolhemos apresentam-nos muitas e variadas informações acerca das regiões por onde os viajantes portugueses andaram. Alguns desses dados revelam-

-nos a história, o passado, assim como narrativas locais, que amiúde se relacionam com informações transmitidas pelos textos religiosos (*Tora, Bíblia e Alcorão*).

A maioria das alusões bíblicas que estudámos resultou precisamente de tradições, narrativas locais judaicas ou islâmicas, que os viajantes portugueses transmitiram com alguma neutralidade. Apenas na questão de Caim e Abel, Frei Pantaleão revelou uma atitude crítica, optando por Damasco. Esta opção teve como alicerces as próprias fontes de transmissão e a credibilidade que o frade lhes atribuiu.

Notas

⁽¹⁾ CARREIRA, 1997: 174-177; MARQUES, 2004: 327-354.

⁽²⁾ Mestre Afonso foi cirurgião-mor do vice-rei da Índia, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, e do governador João Mendonça. Acerca da sua viagem, temos conhecimento que partiu de Cochim por mar no dia 6 de Fevereiro de 1565, mas devido aos contratempos a nau regressou a Ormuz a 26 de Maio, iniciando a sua viagem terrestre «por eu fazer a vontade a minha curiosidade, que foi sempre mais de saber novidades e cousas do mundo» [BAIÃO, 1923: 136]. Chegou a Lisboa a 31 de Agosto de 1566.

⁽³⁾ Frei Pantaleão de Aveiro nasceu em Aveiro em 1520. Desconhecemos a data e o local da sua morte. Pertencia à Ordem de São Francisco e desempenhou a sua função no Algarve. Estava em Roma em 1561, ano em que terá partido para a sua viagem à Terra Santa. A cronologia desta viagem tem sido debatida. Contudo, aceitamos os anos de 1561 a 1564. A sua obra foi publicada em 1593 (CARREIRA, 1998: 199-207).

⁽⁴⁾ BAIÃO, 1923: 212-213.

⁽⁵⁾ WENHAM, 1987: 20-21.

⁽⁶⁾ AVEIRO, 1593: 169.

⁽⁷⁾ AVEIRO, 1593: 169. 1-170.

⁽⁸⁾ CARVALHO & *alii*, trans., 1996: 152, nota j; CARREIRA, coord., 1996: 18, 28-29, 235-236, 298; MCKENZIE, 1984: 408-410; V. V. A. A., 1970: 138, 143, 302.

⁽⁹⁾ ACÚRCIO, 2001: 73-74; CARREIRA, 1985: 56-84; CARREIRA, coord., 1996: 308-311; WENHAM, 1987: 53, 59-61.

⁽¹⁰⁾ AVEIRO, 1593: 170. 1.

⁽¹¹⁾ AVEIRO, 1593: 58. 1.

⁽¹²⁾ AVEIRO, 1593, p. 170. 1.

⁽¹³⁾ AVEIRO, 1593, p. 240.

⁽¹⁴⁾ BAIÃO, 1923, p. 267.

⁽¹⁵⁾ HAYEK, 1994: 363-367; MECHON MAMRE, 2002: 4. 1-4. 17.

⁽¹⁶⁾ CARREIRA, coord., 1996: 26-27, 30-31, 40-41, 218; MCKENZIE, 1984: 209-210.

⁽¹⁷⁾ AVEIRO, 1593: 236. 1.

Bibliografia

Fontes

- AVEIRO, Frei Pantalião de (1593) – *Itinerário da Terra Sancta, e suas Particularidades, Composto por Frey Pantalião Daveiro*. Lisboa: Simão Lopez.
- BAIÃO, António, ed. lit. (1923) – *Itinerários da Índia a Portugal por terra. I. Itinerário de António Tenreiro, sexta edição, conforme a segunda, de 1565. II. Itinerário de Mestre Afonso, reedição conforme o manuscrito da Torre do Tombo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CARVALHO, João Soares; FERREIRA, Teófilo; JÚNIOR, António Pinto Ribeiro; NEVES, Joaquim Carreira das; RAMOS, José Augusto; TAVARES, António Augusto, trans. (1996) – *Bíblia Sagrada em Português corrente. A Boa Nova*. Lisboa: Difusora Bíblica.
- HAYEK, Samir el, trad. (1994) – *O Alcorão Sagrado*. Foz do Iguaçu: Centro Cultural Beneficiente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu.
- MECHON Mamre (2002) – *The Hebrew Bible in English according to the JPS 1917 Edition*. <http://www.mechon-mamre.org/e/et/et0.htm>, 01/10/2013, 00:07.

Estudos

- ACÚRCIO, Malgorzata Kot (2001) – Ankh. In Luís Manuel de Araújo, dir., *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 73-74.
- CARREIRA, José Nunes (1985) – *Estudos de Cultura Pré-Clássica*. Lisboa: Editorial Presença.
- CARREIRA, José Nunes (1997) – *Outra Face do Oriente. Viagens dos Portugueses no Próximo Oriente. O Próximo Oriente em Relatos de Viagem*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- CARREIRA, José Nunes (1998) – Cronologias de Viajantes: António Tenreiro e Frei Pantaleão de Aveiro. *Anais*. Lisboa. Série II. 37, pp. 193-207.
- CARREIRA, José Nunes, coord. (1996) – *Atlas Bíblico*. Mem Martins: Edições Zairol, Lda.
- KELLER, W. [s. d.] – *The Bible as History. Archaeology confirms the Book of Books*. Londres: Hodder & Stoughton.
- LOPES, Óscar; SARAIVA, António José (1996) – *História da Literatura Portuguesa*. [Porto]: Porto Editora.
- MCKENZIE, John L. (1984) – *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus.
- MARQUES, Pedro (2004) – Referências ao Livro de Daniel na Literatura Portuguesa de Viagens. In José Augusto Ramos; Luís Manuel de Araújo; António Ramos dos Santos, orgs., *Percursos do Oriente Antigo. Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Nunes Carreira na sua Jubilação Académica*. Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 327-354.
- SIMÕES, Manuel, ed. lit. (1985) – *A Literatura de Viagens nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- V. V. A. A. (1970) – *Dictionnaire Archéologique de la Bible*. Paris: Fernand Hazan Éditeur.
- WENHAM, Gordon J. (1987) – *Word Biblical Commentary*, vol. 1 – *Genesis 1-15*. Texas: Word Books.